

GERVÁSIO AGARRATIVO UM HOMEM TRANSFLUVIAL¹

Eduardo Mahon

(Advogado, Literato e ex-Presidente da AML. eduardomahon@eduardomahon.com.br)

*“Nesse universo todo de brilhos e bolhas
Muitos beijinhos, muitas rolhas
Disparadas nos pescoços das Chandon
Não cabe um terço de meu berço de menino
Você se chama grã-fino e eu afino
Tanto quanto desafino do seu tom
Pois francamente meu amor
Meu ambiente é o que se instaura de repente
Onde quer que chegue, só por eu chegar
Como pessoa soberana nesse mundo
Eu vou fundo na existência
E para nossa convivência
Você também tem que saber se inventar
Pois todo toque do que você faz e diz
Só faz fazer de Nova Iorque
algo assim como Paris
Enquanto eu invento e desinvento moda
Minha roupa, minha roda
Brinco entre o que deve e o que não deve ser
E pulo sobre as bolhas da champanhe que você bebe
E bailo pelo alto de sua montanha de neve
Eu sou primeiro, eu sou mais leve, eu sou mais eu
Do mesmo modo como é verdadeiro
O diamante que você me deu”.*

Gervásio Leite, esse homem alto, delgado, moreno, é uma alma transfluvial. Enquanto a província pastava na mesmice, assuntando a vida do parapeito das janelas, aboiando o rio piscoso que vai para algum abatedouro marítimo, ele queria dar braçadas para além dessas águas. Pertenceu a um seletto grupo intelectual imprensado entre o passado e o futuro, em plena transformação urbana que o faria *agarrativo* em memórias e desgarrado em vanguarda.

Para transcender a gravidade cuiabana, estudou fora e de fora trouxe uma cabeça renovada, cheia de ideias para enxergar a própria cidade além do buraco da fechadura.

¹ Discurso proferido por ocasião da abertura das comemorações do Centenário de Nascimento de Gervásio Leite, aos 19 de junho de 2015.

Dizia ele a António de Arruda, seu futuro colega de letras desta Academia: *“não mudei meu lema ou brasão d’armas: ou vai ou racha! Dele não sairei por motivo algum. Aos 22 anos, o que posso ser? Ou covarde ou revolucionário. Não há outra escolha. Vou para Cuiabá como D. Quixote, pois sei perfeitamente que ainda há moinhos de vento na idade da máquina. Nada de progresso a conta-gotas. Tem que ser furacão. E quem for fraco que fique pela estrada”*.

O homem transfluvial se amoldou às circunstâncias: fez muito do pouco e do muito, o máximo. Formou-se em Direito, litigou nos tribunais do júri como tribuno criativo e temível orador e somou experiência à cúria do desembargo, transitando entre duas togas, duas óticas, duas vidas. Assumiu a Corregedoria Geral de Justiça e presidiu o sodalício, sobrevoando os planaltos por onde transitava. Da cátedra da escola estadual, dos grupos escolares, chegou à presidência da Academia Mato-Grossense de Letras, num tempo de produção intelectual pré-universitária: difícil, onerosa, sacrificante. Quando se consolidou o método científico, mais uma vez Gervásio ultrapassou o comodismo cotidiano e começou a ensinar na universidade. Aprender e ensinar, fluxo e refluxo do homem de letras.

Gervásio prezava a vanguarda. Todo ele era futuro. Nas citadas correspondências com o colega desembargador António Arruda do qual tenho a honra de suceder nesta Casa, provocava: *“as escolas literárias foram, são e serão apenas duas: romântica e parnasiana. A primeira é a história dos chorões, a segunda dos meticulosos. Na primeira, escrevem-se besteiras, erradamente; na segunda, não se diz nada de forma impecável”*. Isso era o homem: um provocador nato, sem censura. Ele mesmo dizia que *“o indiferentismo é crime”*, exigindo posição da nata intelectual da época. Os padrões estéticos convencionais eram duramente criticados por nosso homenageado, fazendo-nos rever o conceito de pós-modernidade em Mato Grosso que, para falar francamente, já está superado a considerar um Silva Freire, um Wladimir Dias-Pino, um Rubens de Mendonça, o próprio Gervásio Leite.

Atualmente, a tão propalada transversalidade já era natural nas décadas de Gervásio: fazer dialogar os vários saberes entre si e formar uma opinião consistente para a sociedade. Poeta, jurista, jornalista, político, cronista, nosso homenageado é plural e inclassificável. A sensibilidade dele, esse traço magnífico de personalidade *“à margem”* da época, conduziu o interesse pela poesia enxuta, talento superlativo em meio a profissionais que se apegavam a discursos barrocos e grandiloquentes. Incorporando o

espírito modernista, compôs uma métrica diversa daquela consagrada por essas plagas – simples, provocativo, contemporâneo.

Cosmopolizou-se e exorcizou o provincianismo. Agarrou-se e desgarrou-se de Cuiabá. Sobre o tema, é essencial a percepção do grande poeta Aclyse de Mattos sobre a dualidade de quem fica e de quem vai: “*Cuiabá/ não sei se sou/ pau-fincado/ que rodou/ pau-rodado/ que fincou/ tanto andei/ enchi, voltei/ nestas águas/ me agarrei*” (do livro *Festa*, pág. 20). Dividido entre a saudade do passado e a esperança pelo futuro, Gervásio desabafou: “*lá adianta-se o lugar onde dormem, no sono eterno, os nossos antepassados. Dali mesmo podereis ver o futuro no fundo do claro horizonte que se levanta no bairro do Lavapés. Os indomáveis cavalos no tempo da doida corrida arrastando os dias, as semanas, os meses, os séculos. Mas a cidade ficará*” (*Terra Agarrativa e Linda*, 1969). Cabia perfeitamente nas cores, cheiros e sabores da terra, transbordando cuiabania no humor cáustico, irreverência desbocada que lhe valeu o respeito e admiração dos contemporâneos e dos pósteros.

Talvez conhecendo melhor o nosso centenário Gervásio possamos ir a fundo nas raízes desse povo admirável, realista e poético ao mesmo tempo. Como todo cuiabano que se prezasse, criticava o atraso local, mas inadmitia a crítica alienígena; debochava dos maneirismos, mas censurava o escárnio alheio. Era uma bússola livre em Cuiabá e, ao mesmo tempo, um norte cuiabano no mundo. Pensando nele, a letra de Caetano Veloso poderia ser adaptada: pois todo toque do que você faz e diz/só vai fazer de Cuiabá algo assim como Paris. Esse tipo *sui generis* amava a terra, sem ser bairrista e acreditava no mérito porque ele mesmo venceu pela força dos concursos que prestou e foi aprovado. Talvez tenha querido lançar uma importante mensagem: o nome não deve pesar nem para o próprio dono.

Gervásio Leite tinha um *ethos*, mas não um *locus*. Não cabia num só lugar, muito menos num só tempo. Era um homem que queria saber de tudo, estar a par das novidades, frequentar todos os lugares, os salões, os botequins, os tribunais, flanando como pé-de-valsa do Lavapés a Copacabana, do Coxipó a Buenos Aires, do Baú a Paris. Os 100 anos do nascimento desse singular intelectual serão comemorados por aqueles que têm olhos de luneta. Que orgulho teria o pai ao ver as filhas aqui conosco, olhando o passado com lentes de futuro... Anunciamos ao povo do rio acima e do rio abaixo: em forma de furacão, eis o nosso homem longilíneo de sorriso largo. É Gervásio transfluvial, agarrativo e lindo que, enfim, amansou os doidos cavalos do tempo nos cochós da eternidade.